

Alexandre Guida Navarro¹
André Heron Carvalho dos Reis²
Wesley Charles de Oliveira³

ARQUEOLOGIA NAS FRONTEIRAS DA BAIXADA MARANHENSE: AS OCUPAÇÕES PRÉ-COLONIAIS DOS SÍTIOS BOCA DO CAMPO E MEARIM 01 E POSSÍVEIS RELAÇÕES COM AS ESTEARIAS

ARCHEOLOGY ON THE BORDERS OF THE BAIXADA MARANHENSE: THE PRE- COLONIAL OCCUPATIONS OF THE BOCA DO CAMPO AND MEARIM 01 SITES AND POSSIBLE RELATIONS WITH THE STILT VILLAGES

¹ Professor Associado II do Departamento de História (DEHIS) e Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e coordenador do Laboratório de Arqueologia (LARQ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

² Habilis Consultoria. Mestre em Geologia e Geoquímica pela UFPA.

³ Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Doutorando em Arqueologia pela UFS.

RESUMO

Este artigo resulta do trabalho de gestão arqueológica que culminou no resgate de dois sítios da Baixada Maranhense no curso da implantação do Projeto de Extensão da Estrada de Ferro Carajás, no Pará, até o porto de Itaqui, no Maranhão. O Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA) forneceu o endosso institucional. O primeiro deles, o sítio Boca do Campo está situado em uma área alagável, sendo seu material arqueológico similar aos assentamentos de tipo estearias, caracterizadas pela construção de aldeias em cima de esteios, dentro dos lagos e rios da região. O outro sítio arqueológico é o Mearim 01, que está assentado em terra firme, cujo material arqueológico, mais antigo que o das estearias, assemelha-se mais ao dos grupos Tupis. Existem semelhanças entre as formas modeladas de cerâmica dos povos que habitaram o sítio Boca do Campo e aqueles que viveram nas estearias. Uma vez que a tecnologia cerâmica da fabricação de modelados do sítio Boca do Campo é diferente das estearias, sugerimos que os povos que ocuparam aquele sítio copiaram ou imitaram os apliques dos vasilhames dos povos palafíticos, evidenciando, deste modo, uma fronteira cultural entre estes grupos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Resgate arqueológico – Baixada Maranhense – estearias – fronteira cultural - apliques cerâmicos.

ABSTRACT

This article results from the archaeological management work that culminated in the rescue of two sites in the Baixada Maranhense in the course of the implementation of the Carajás Railway Extension Project, in Pará, up to the port of Itaqui, in Maranhão. The Archeology Laboratory of the Federal University of Maranhão (LARQ / UFMA) provided the institutional endorsement. The first of these, the Boca do Campo site is located in a flooded area, and its archaeological material is similar to the stilt villages settlements, characterized by the construction of villages on top of pillars, within the lakes and rivers of the region. The other archaeological site is Mearim 01, which is based on dry land, whose archaeological material, which is older than that of the stilt villages, is more similar to that of the Tupi groups. The chronological sequence of the area indicates a transition from occupation of the inter-riverine area (Mearim 01 site) to a flooded area (Boca do Campo site). There are similarities between the modeled shapes of the ceramics of the people who inhabited the Boca do Campo and those who lived in the stilt villages. Since the ceramic technology in the use of temper from the Boca do Campo site is different from the stilt villages, we suggest that the people who occupied that site copied or imitated the models of the pottery of the stilt villagers, thus evidencing a cultural border between these groups humans.

KEYWORDS: Archaeological Rescue – Baixada Maranhense – Stilt Villages – Cultural Border – Ceramic Temper.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do trabalho da gestão arqueológica realizada pela Habilis Consultoria no âmbito do Projeto de Expansão da Estrada de Ferro Carajás, no estado do Pará, até o porto de Itaqui, na cidade de São Luís, no Maranhão, como implementação de medidas compensatórias exigidas pelo IPHAN. Foram identificados 34 sítios arqueológicos pela Scientia (relatórios parciais 2 e 4 do Processo Iphan n. 01450.008647/2009-91 com Portaria 03/2009, Scientia Consultoria Científica Ltda.), sendo 32 deles no estado do Maranhão. Destes 32 sítios, 9 sítios foram resgatados pela Habilis Consultoria, sendo dois deles objeto deste trabalho. O endosso para o resgate foi dado pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA).

A história indígena pré-colonial da Ilha de São Luís e da Baixada Maranhense ainda é desafiadora, sobretudo pela diversidade das tradições ceramistas que podem ser encontradas entre as terras baixas do golfão maranhense: grupos da tradição regional Mina, ceramistas Tupi, além de grupos ceramistas Tupinambás, descritos pelos cronistas europeus que singraram a região, e grupos da Tradição Inciso e Ponteadada (LOPES, 1924; SIMÕES, 1978; CORREIA LIMA E LIMA E AROSO, 1989; CORRÊA ET AL, 1991; LEITE FILHO, 2016; BANDEIRA, 2013; NAVARRO, 2016, 2017, 2017 *et al.*; 2018a, 2018b).

Soma-se à pluralidade destas ocupações a difícil tentativa de determinar os contextos espaciais e cronológicos destes diferentes grupos, que habitaram uma região com grande diversidade constantemente (re) modelada pelas cheias das águas pluviais. Certamente, o mosaico ambiental formado pela sucessão entre as áreas de terra firme, (livres de alagamentos), até as várzeas e as zonas lacustres, permitiu aos diferentes grupos vastas possibilidades de assentamentos, nos quais, os usos dos recursos naturais, cosmovisão, simbologias e demais peculiaridades intrínsecas podem ter se regionalizado como resultado de processos formativos que refletindo movimentos diacrônicos de ocupação e reprodução cultural.

Especificamente à Baixada Maranhense, as pesquisas arqueológicas realizadas nas estearias – assentamentos mais representativos em termos de número de sítios dos grupos que habitaram esta zona lacustre – têm revelado aspectos novos e intrigantes a respeito de quem eram estes grupos ceramistas. Além da complexidade e refinamento das construções palafíticas encontradas no centro das lagoas, as pesquisas apontam para uma produção cerâmica sofisticada, com grande volume de produção, nas quais ocorrem técnicas decorativas modeladas (apêndices, estatuetas, fusos, e outros) e pintadas (polícromas em diversos motivos), além de artefatos líticos, nos quais se incluem os muiquitãs, fortemente relacionados aos sítios arqueológicos do Baixo Tapajós, no vale do baixo rio Amazonas (LEITE FILHO, 2016; NAVARRO, 2017a, 2017b, 2018a, 2018b).

Apesar de grupos palafíticos serem descritos no Baixo Amazonas por cronistas à época da colonização (Porro, 1992), é nos lagos da Baixada Maranhense que esses sítios são encontrados em grande número. O contexto ligado às estea-

rias compõe um cenário único na arqueologia das Terras Baixas da América do Sul (SCHAAN, 2004; DANIEL, [1772-1776] 2014; NAVARRO, 2018a). As pesquisas realizadas por Navarro (2016, 2017b, 2018a, 2018b) e Leite Filho (2016) ampliaram sensivelmente as pesquisas pioneiras de Simões (1981) e Corrêa et. al. (1991), que tiveram por área inicial de pesquisas a zona compreendida pelo Lago Cajari, no Município de Penalva (Figura 1).

Este trabalho se propõe a correlacionar dois sítios, Boca do Campo (município de Arari/MA) e Mearim 01 (município de Vitória do Mearim/MA), identificados no contexto. situado em municípios limítrofes aos principais lagos da zona lacustre, situados nos municípios de Penalva e Viana. Nestes municípios estão concentrados diversos estudos sobre as estearias realizados por Simões (1981) e Navarro (2016, 2018a, 2018b) dentre outros.

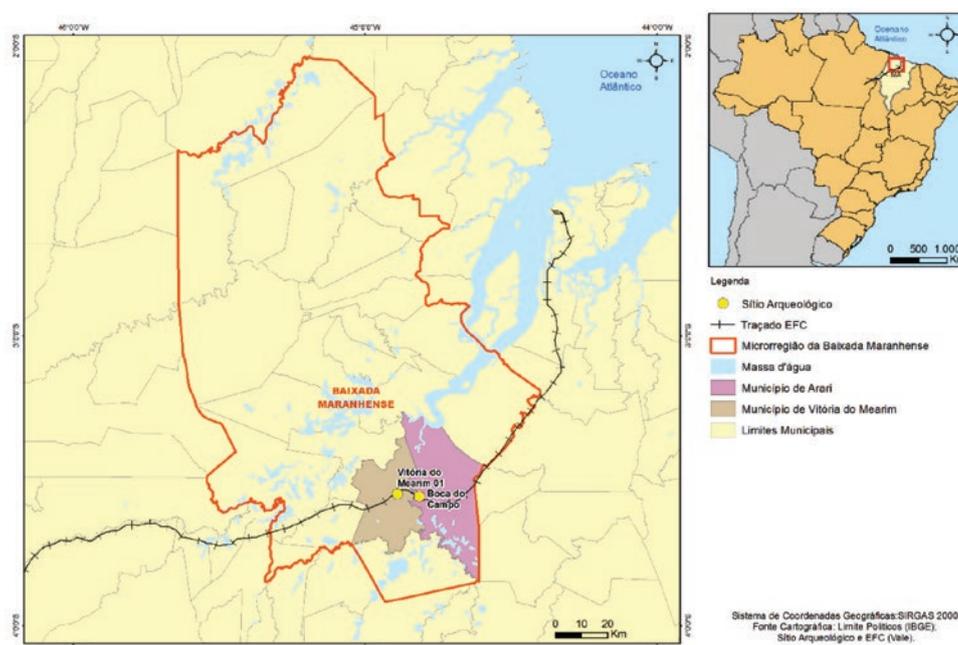


Figura 1. Mapa da localização dos sítios arqueológicos Boca do Campo, município de Arari/MA e Mearim 01, município de Vitória do Mearim/MA, na porção SE da Baixada Maranhense.

GEOGRAFIA DOS LAGOS: A BAIXADA MARANHENSE

A região geográfica denominada de Baixada Maranhense é caracterizada, principalmente, pelas zonas lacustres, algumas sazonais e outras perenes, que são alimentadas por diversos rios. Localizada em uma área denominada de “Amazônia Legal Maranhense”, situa-se na transição entre os biomas Amazônicos e do Cerrado, recebendo ainda influência dos ambientes costeiros e marinhos (AB’SABER, 2006) (Figuras 2 e 3). A região da pesquisa encontra-se num ambiente lacustre de várzea caracterizado pela formação de um sistema hídrico composto de rios, campos inundáveis e lagos (FRANCO, 2012). Estes lagos têm origem geológica recente, pleistocênica, recebendo as águas fluviais e dos rios quando transbordam na época das cheias (AB’ SÁBER, 2006) (Figura 4).



Figura 2. Aspecto da paisagem da Baixada Maranhense. Crédito da Foto: Herberth Figueiredo.



Figura 3. Aspecto das habitações atuais na Baixada Maranhense. Crédito da foto: Herberth Figueiredo.



Figura 4. Estearia do Coqueiro na época da seca. Município de Olinda Nova do Maranhão. Cortesia: LARQ, UFMA.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO BOCA DO CAMPO: TESOS E TERRAS PRETAS

O sítio Boca do Campo está assentando sobre um outeiro, circundado por uma área alagável. A área é cortada por um barranco na porção NE, resultado de atividades antrópicas recentes (**Figura 5**).

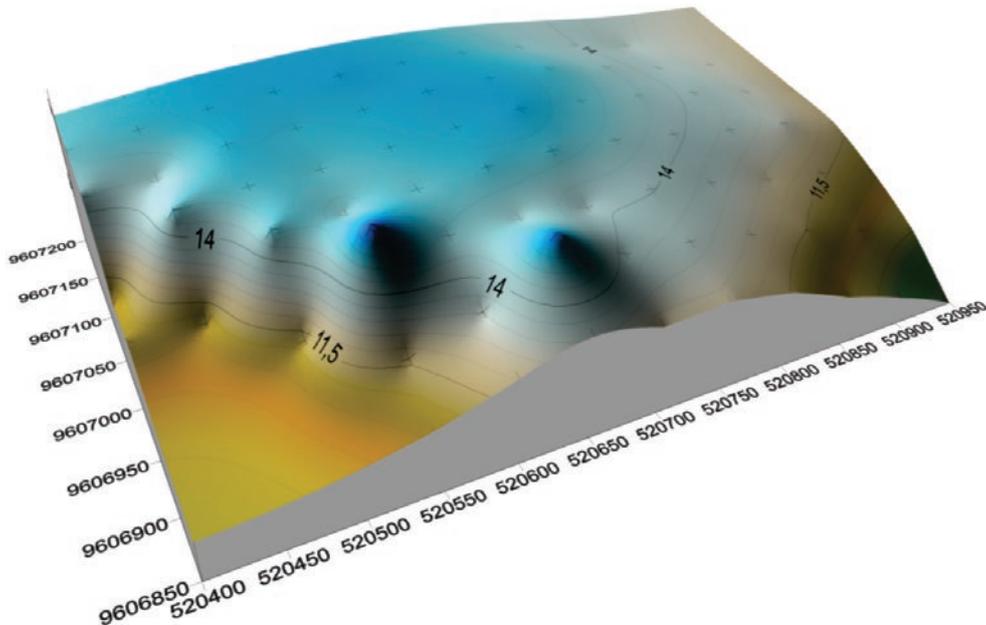


Figura 5. Modelagem 3D do terreno do sítio arqueológico Boca do Campo, município de Arari, Maranhão.

Este sítio assenta-se em uma área não alagável, porém, que permite o uso dos recursos naturais disponíveis nas zonas inundáveis. A distribuição dos fragmentos cerâmicos encontrados mostra forte relação com a porção mais altaneira do tesó, que alcança 15 metros de altura em relação ao nível do mar. Esse tipo de assentamento se assemelha muito ao proposto para a Amazônia por autores como Denevan (1996), Roosevelt, (1999), Schaap (2004) e Rebellato et al. (2009) que relacionam tais ocupações de “Terra Firme” como interdependentes dos recursos aquáticos (peixes, quelônios, etc.) e dos solos agricultáveis que se formam nestas zonas de deposição de sedimentos e materiais orgânicos.

Na figura 6 observa-se uma mancha de concentração de terra preta com material cerâmico que se estende para porção SE, no entanto, o ponto de maior concentração coincide com o topo do barranco, na qual se tem uma visibilidade privilegiada do entorno.

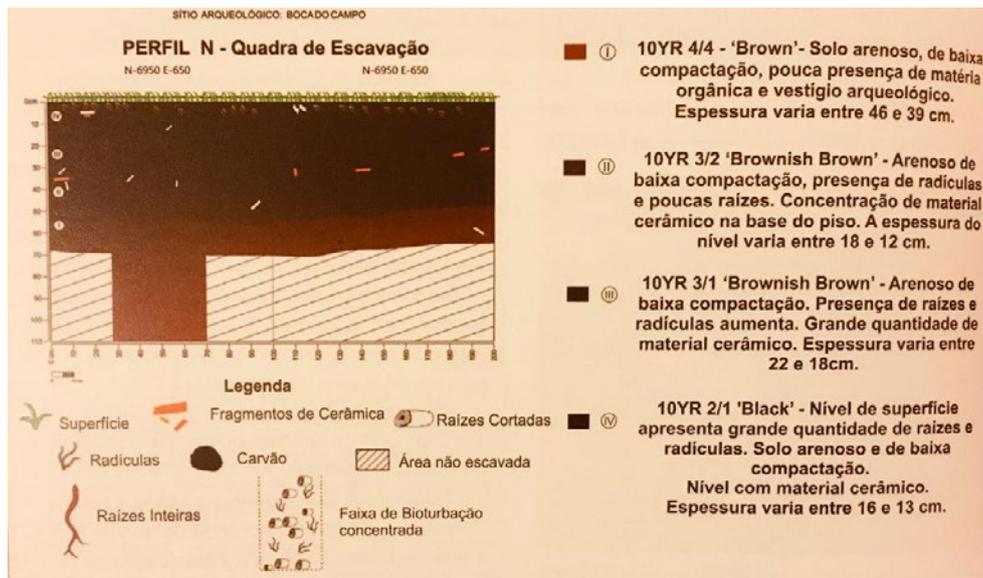


Figura 6. Perfil do sítio arqueológico Boca do Campo.

TECNOLOGIA CERÂMICA

No contexto sistemático (sondagens) foram classificados 2.776 fragmentos diagnósticos e 3.756 não diagnósticos, enquanto no contexto não sistemático (trincheira e ampliação) foram classificados 854 diagnósticos e 828 não diagnósticos. Portanto, a coleção cerâmica do sítio é composta por 8.214 fragmentos. Os vestígios cerâmicos foram analisados de acordo com as propostas metodológicas de Shepard (1956), Burke et al. (1971), Rye (1981) e Orton et al. (1993).

A cerâmica do sítio Boca do Campo caracteriza-se pelo avançado estado de erosão e tratamentos de superfície simples. Em média, 60% dos fragmentos não puderam ter suas manufaturas identificadas através da observação de marcas de confecção, como marcas de rolete e outros, reflexo do avançado grau de erosão. Destarte, o acordelamento foi a técnica mais popular aplicada na produção ceramista.

Após aplicação do método de manufatura, a escolha dos antiplásticos é de fundamental importância para o desempenho de uso do vasilhame. Entre os níveis estratigráficos não foram observadas variações significativas nas escolhas dos antiplásticos. No geral, predomina a associação de mineral+carriapé+carvão, que representam em média 60% dos fragmentos. Ao se tratar dos tipos de minerais aplicados às cerâmicas, nota-se a completa predominância da escolha do quartzo, hematita, limonite e mica. Mantem-se, assim, a tendência de antiplásticos pouco variados com a profundidade. Estes antiplásticos aplicados são geralmente finos, de baixa granulometria. Tendo em vista a alta disponibilidade de fontes sedimentares na região, pode-se supor que estes materiais utilizados eram procedentes de promontórios arenosos, ricos em minerais de micas e silicatos, além de hematitas. A queima do material argiloso não revela uma tendência clara de escolha de ambiente e mostra leve predomínio de queimas redutoras sob as demais (Figura 7).

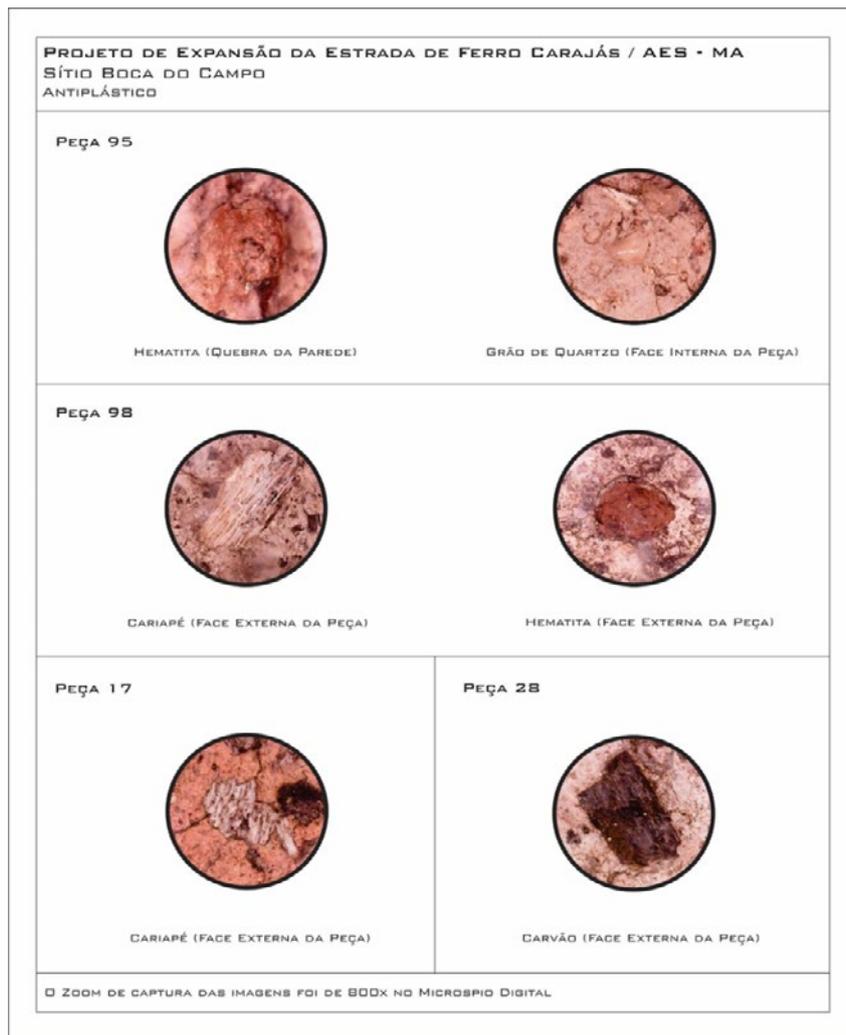


Figura 7. Aspectos da pasta argilosa e dos antiplásticos da cerâmica do sítio Boca do Campo.

Os fragmentos com decoração pintada têm pouquíssima representação estatística na coleção (em torno de 2%). Todavia, quando ocorrem, aparecem na forma de pintura vermelha e pintura vermelha em faixas. No nível 2 estão concentrados os fragmentos pintados, seguidos do nível 3 (**Gráfico 1**).

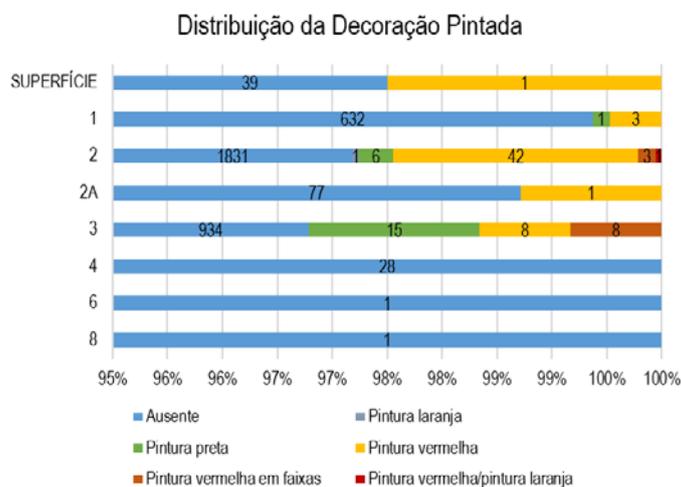


Gráfico 1. Distribuição da decoração pintada no sítio Boca do Campo.

Como citado anteriormente, nos fragmentos encontrados a pintura recobre toda peça, de modo que em apenas 11 fragmentos se podem notar um motivo em faixa de pintura vermelha (**Figura 8**). Também ocorre a pintura preta (22 peças) e engobo vermelho em poucas peças. Estas decorações pictóricas se adensam nos níveis arqueostratigráficos 2 e 2A, que correspondem a camada de Terra Preta Arqueológica (TPA) ou Terra Preta de Índio (TPI) do sítio. Tais solos são formados pelo acúmulo de resíduos orgânicos (carvão, restos de alimentos, fezes, urina, carapaças de quelônios, etc.), além de vestígios culturais diversos (cerâmicas e líticos), depositados nos aldeamentos pré-históricos (KERN et al. 1988, 1996; LIMA et al. 2002).

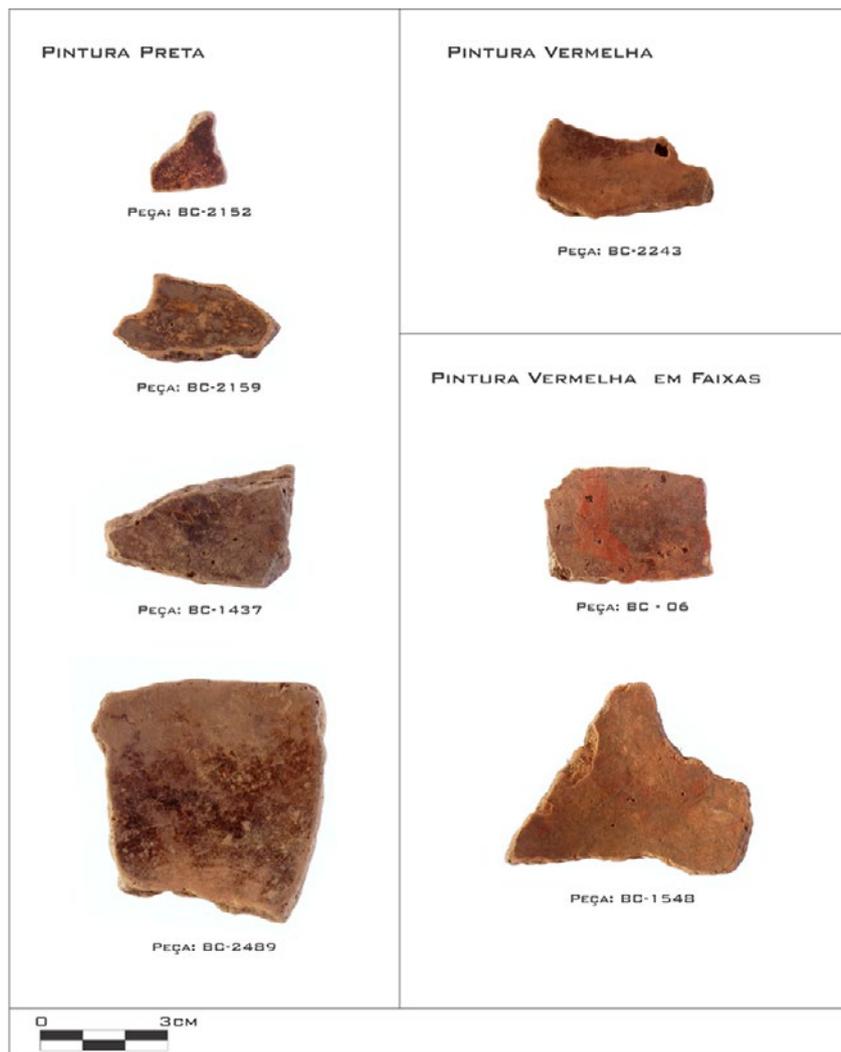


Figura 8. Fragmentos pintados do sítio Boca do Campo.

O sítio apresenta uma técnica pictórica bem escassa quando comparada com os sítios de estearias da Baixada Maranhense, onde a complexidade dos motivos pintados remete tanto às pinturas encontradas em vasilhas da foz do rio Amazonas, no arquipélago do Marajó, quanto ao vasto arcabouço pictórico encontrado nos sítios da tradição Tupinambá amazônica, resguardada suas manifestações mais regionais (ALMEIDA, 2013; NAVARRO, 2016; PANACHUK, 2016). Outrossim, Costa et al. (2016) mencionam a predominância de motivos abstratos na aplicação da técnica pintada no acervo da coleção Raimundo Lopes, sob a

guarda do Museu Nacional-RJ. Dada à baixa densidade desta técnica no Boca do Campo, e mesmo a baixa integridade dos fragmentos, frente aos fortes processos de intemperização do solo, a discussão quanto aplicação desta técnica é limitada.

Por outro lado, a técnica modelada é numericamente menos expressiva que a pintura (**Gráfico 2**). Ainda assim, ocorrem manifestações importantes, dado o contexto regional. O nível 2 é, novamente, o mais adensado quanto a manifestação de decoração plástica, com maior número, principalmente, de incisões finas, largas e uma ocorrência de fragmento raspado. No nível 03, tem-se a ocorrência de um apêndice de face antropomorfa, assim como de um fragmento roletado e um inciso fino. O apêndice foi aplicado em uma borda, e foi confeccionado de forma maciça. Olhos, nariz e a concavidade dos olhos foram modelados em separado, e posteriormente fixados no corpo. Os olhos foram modelados com a técnica de “botão” ou “olhos de café”, como mostra a **Figura 9**.

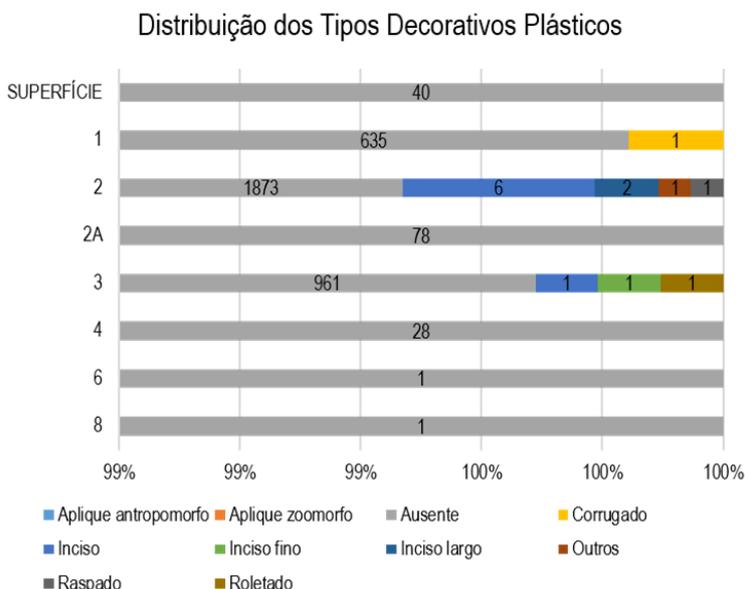


Gráfico 2. Distribuição da técnica plástica nos fragmentos do sítio Boca do Campo.



Figura 9. Aplique antropomorfo do sítio Boca do Campo.

Foi identificado também um apêndice zoomorfo, aplicado sobre uma borda. Como o apêndice anterior, é uma peça de um único corpo, sobre o qual foram fixados os olhos e o nariz, no entanto, a peça se assemelha a face de um quelônio, ou ainda, a uma face antropomorfa, ou as duas, cujas narinas foram destacadas, como evidenciam algumas estatuetas estudadas por Navarro (2016) como possíveis inferências ao uso de alucinógenos (**Figura 10**).



Figura 10. Fragmento de borda com apêndice antropozoomorfo do sítio Boca do Campo.

A modelagem é uma técnica muito comum nas estearias da Baixada Maranhense (NAVARRO, 2018A, 2018b; 2016; LEITE FILHO; 2016; COSTA et al. 2016). Com o uso desta técnica são encontradas estatuetas, apêndices e inúmeros outros aspectos decorativos nas peças naqueles sítios. Abaixo, na **Figura 11** se apresenta parte da coleção modelada do acervo Raimundo Lopes, do Museu Nacional, analisada por Costa et al. (2016).

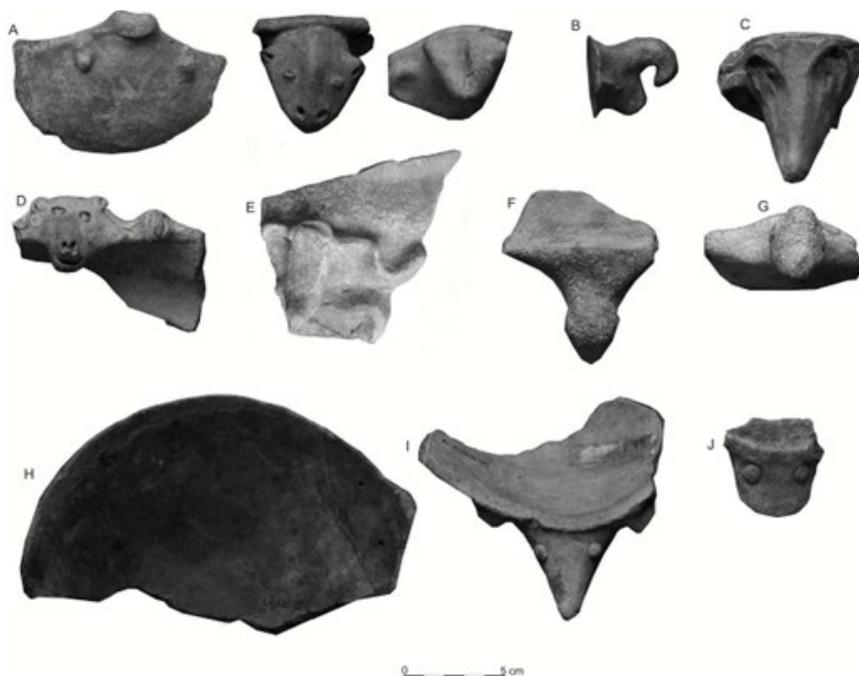


Figura 11. Peças modeladas do acervo Raimundo Lopes, Museu Nacional/RJ. Fonte: Costa et al. (2016).

Há de se notar certa semelhança entre as formas de confecção das peças zoomorfas da coleção citada, das publicadas por Navarro em artigos e livros (2016, 2018a, 2018b) com a apresentada no sítio Boca do Campo. Assemelham-se as estruturas maciças, a confecção dos olhos através de botões afixados por sobre concavidades ou mesmo fora delas, e, por fim, a posição destes apliques nas proximidades da borda dos vasilhames. Deste modo, o sítio Boca do Campo possui um nível estratigráfico de TPA, o que permite conceber este antigo aldeamento como permanente, e por isso mesmo, inferir a respeito de um grupo cujo assentamento fortemente se vinculou a dinâmica espacial das zonas lacustres. A cerâmica produzida tem uma pasta mista, com associações entre mineral+caria-pé+carvão, como citado anteriormente, o que leva a crer que o grupo usava fontes locais de matéria prima, portanto, muito arenosas, o que conferia a cerâmica um aspecto friável, notado pelo forte nível de erosão.

Acerca das formas dos vasilhames cerâmicos que puderam ser hipoteticamente projetados a partir das bordas, nota-se que são mais populares as formas esferoidais, irrestritas, com base levemente plana (**Figura 12**). Também são encontrados contornos elipsoides, convexos, e também, encontrou-se um assador. A ocorrência de vasilhas de grande capacidade volumétrica e diâmetro pode estar relacionada à necessidade de estocagem e mesmo de processar alimentos em grande quantidade. Associadas a estas formas, não foram identificadas pinturas ou outras decorações.

CONTORNO FORMAL	TOTAL DE PEÇAS	DIÂMETRO	USOS
	12	14-38cm	Armazenagem/processamento de alimentos
	7	10-36cm	Cocção/Servir alimentos
	6	16-32cm	Cocção/Servir alimentos
	24	12-38cm	Processamento de alimentos
	16	17-42cm	Processamento de alimentos/ Servir alimentos
	8	10-30cm	Servir/Cocção
	1	32cm	Assador

Figura 12. Total de formas projetadas a partir das bordas do sítio Boca do Campo.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO MEARIM 01: OCUPANDO MORROTOS

O sítio arqueológico Mearim 01 está assentado sobre um morrote que atinge até 45 metros acima do nível do mar. Além da ocupação indígena, na superfície ocorrem diversos vestígios históricos, como faianças, vidros e grés. Um extenso sulco de 1,5 metros de profundidade recorta o sítio. As pesquisas realizadas apontaram tratar-se de uma estrada histórica abandonada que ligava uma antiga vila situada sobre o sítio até o município de Santa Inês (Figura 13).

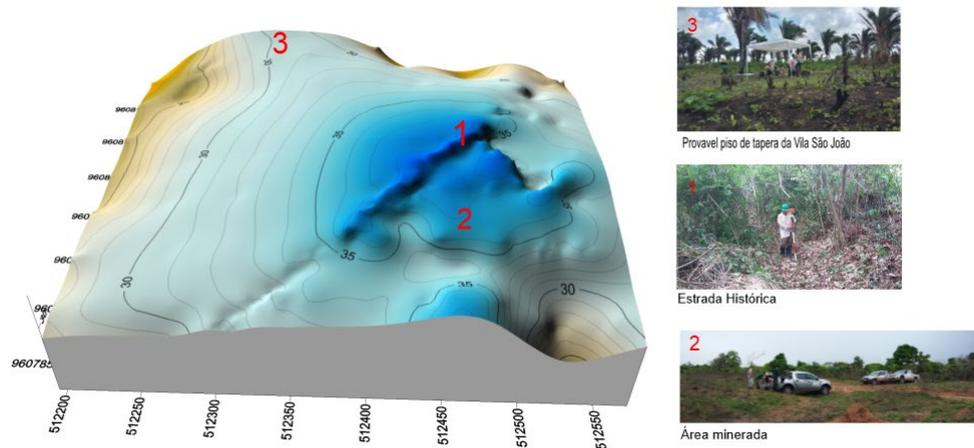


Figura 13. Modelagem da Topografia da leira histórica, formada pela retirada de solo na área da estrada histórica. Crédito da Foto: Habilis, 2015.

Diferentemente do sítio Boca do Campo, o Mearim 01 está situado na proximidade de drenagens intermitentes e perenes, porém, não formam zonas alagadas ou extensas várzeas. Outra diferença se estabelece no terreno: o Mearim 01 está situado numa cota bem mais alta que o entorno, de forma o topo tem forma de um domo aplainado. A estratigrafia, no entanto, é composta por uma sequência de areias de textura grossa a média, de colorações variando entre o ocre e o avermelhado, que denotam os processos de ferruginização, já que óxidos de ferro, além de comuns, aumentam com a profundidade (Figura 14).

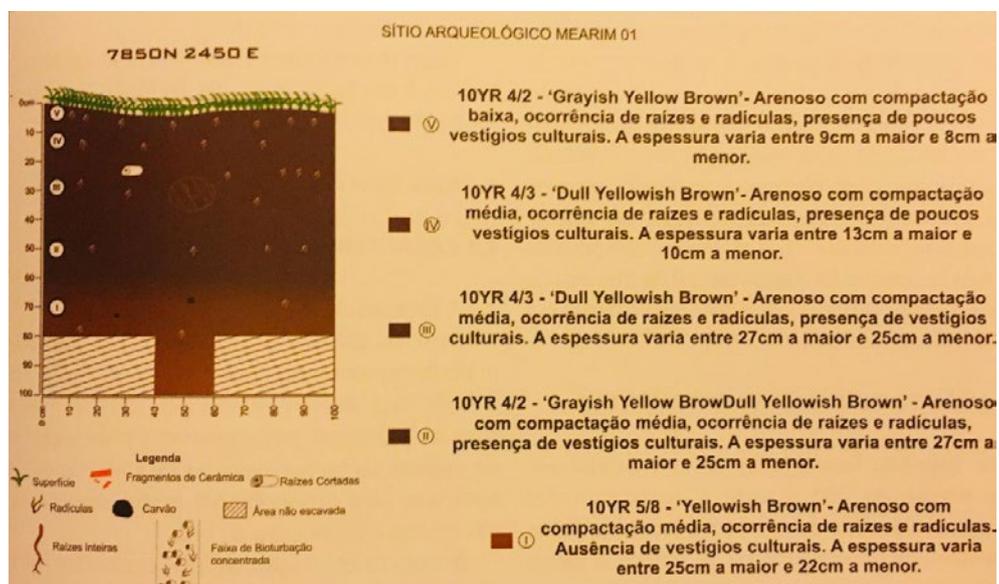


Figura 14. Perfil do sítio arqueológico Mearim 01.

TECNOLOGIA CERÂMICA

A dispersão das cerâmicas encontradas também coincide com a porção mais alta do terreno, na porção central do domo (**Figura 15**). No geral, foram classificados 2.401 fragmentos cerâmicos como diagnósticos. Destes, 1.342 da malha sistemática, e 1.059 das áreas ampliadas. Como não diagnósticos, foram classificados 1.551 fragmentos cerâmicos. Para esta análise, serão considerados apenas os diagnósticos da malha sistemática, visto que o conjunto exumado em contexto assistemático é pouco representativo acerca da decoração aplicada.

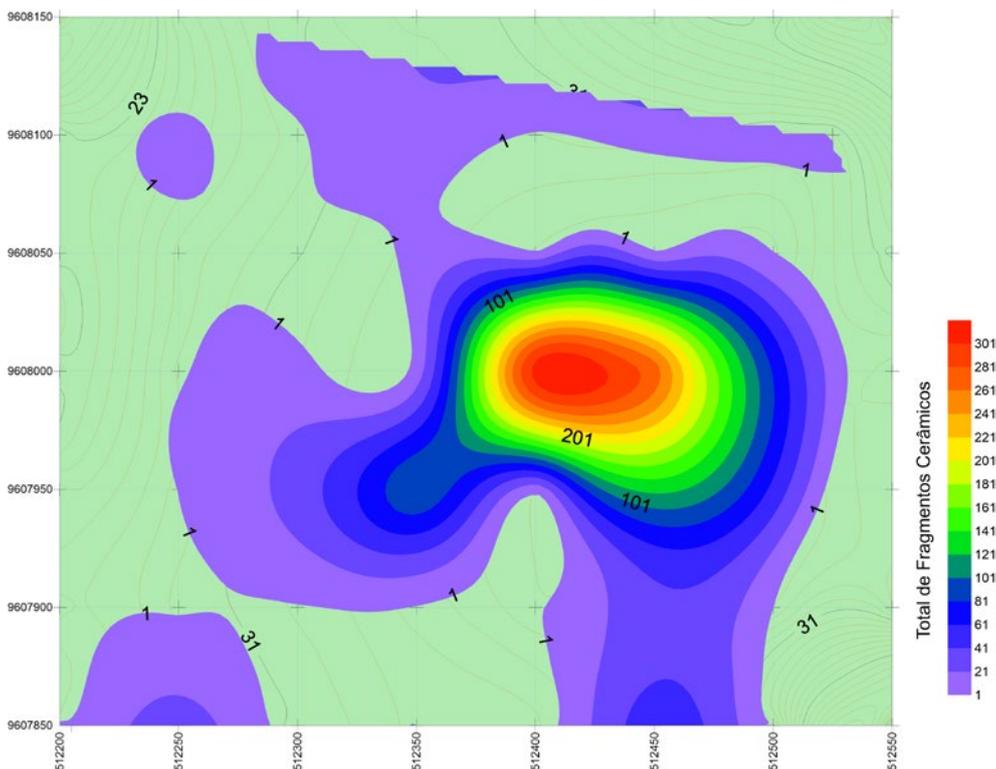


Figura 15. Distribuição dos fragmentos cerâmicos no sítio Mearim 01.

A coleção cerâmica é composta por categorias relativamente simples, na qual peças de bojo e bordas são a maioria, em torno de 90% do total. No nível 3 identificou-se um apêndice e 09 argilas queimadas, que podem ser amostras de matéria-prima aplicada na confecção das peças. A presença de argilas queimadas e bolotas de argila também ocorrem no nível 04, a sugerir maior antiguidade. Estas cerâmicas eram temperadas majoritariamente com antiplásticos minerais. Nos níveis 3 e 4 nota-se maior expressão da associação mineral com vegetais, com 30% e 40% respectivamente. Nos níveis inferiores, com maior expressão no nível 3, predomina a escolha de antiplásticos vegetais, como o carvão e o cariapé, enquanto nos níveis superiores, com maior expressão no nível 2, nota-se preferência no uso de antiplásticos minerais, principalmente o mineral associado à argila. Dentre os minerais aplicados a cerâmica não se observam padrões distintos entre os níveis. O quartzo é aplicado em todos os níveis, principalmente associado à hematita. Em média 80% dos vestígios apresenta granulometria destes antiplásticos menor que 1mm, e pode ser considerada muito fina, possivelmente areia selecionada. Tal característica contribui para peças friáveis

pouco resistentes ao impacto mecânico, porém eficientes no aquecimento. O uso crescente de pelotas de argila como antiplástico pode sugerir testagens, ou mesmo, uma matriz argilosa muito impura para fabricação nas peças, o que concorda com o substrato muito arenoso sob o qual o sítio está assentado.

A queima predominante é redutora, com coloração na escala de preto a cinza, seguida da queima incompleta. Os ambientes redutores são resultado de queimas lentas, em esferas úmidas e abaixo de 590°C (SHEPARD, 1956; RYE, 1981), tais condições são mais fáceis de conduzir, já que a peça perde água mais lentamente, no entanto, a compactação da argila é menor. Ao se correlacionar as associações de antiplásticos ao tipo de queima de fabricação, nota-se que peças temperadas com cerâmicas estão mais próximas do campo redutor que as demais, podendo ser esta uma escolha consciente do ceramista.

A decoração nos vasilhames não é uma característica distintiva deste conjunto de materiais, sendo rara a presença destes traços. Quando ocorrem, no tocante a técnica plástica, representam apenas 2% da coleção. Identificou-se maior variedade e frequências de peças decoradas plásticas no nível 3. No entanto, escovados, excisos e inciso-ponteados só ocorrem no nível 2, enquanto a decoração predominante no nível 3 são os corrugados, modelados, inciso fino e largo, inciso ponteados e ponteados (**Gráfico 4**).

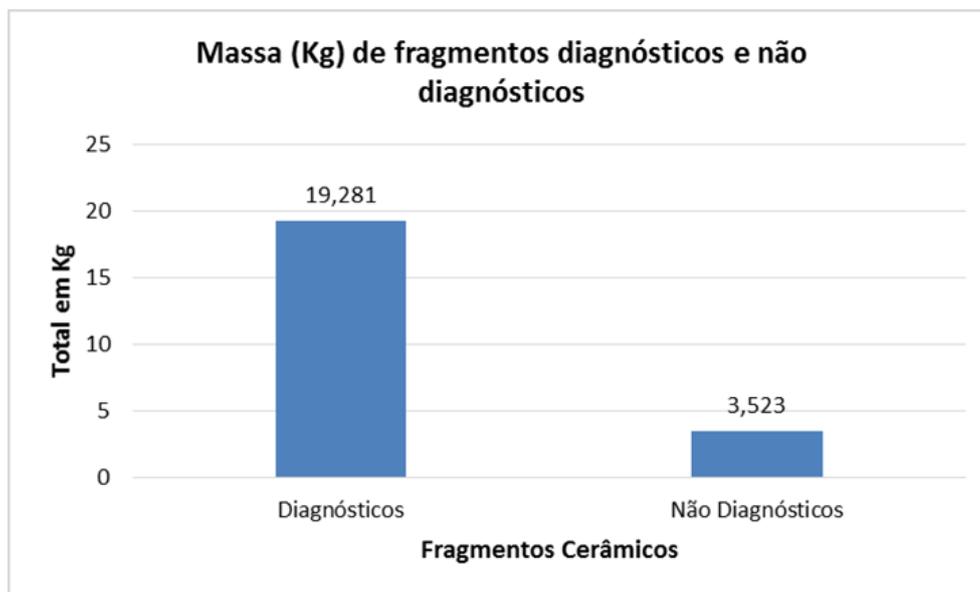


Gráfico 4. Distribuição da decoração plástica entre os fragmentos diagnósticos da malha sistemática no sítio Mearim 01.

As imagens dos fragmentos com decoração plástica abaixo apresentadas diferem de forma significativa daquelas observadas no sítio Boca do Campo e, também, para as ocupações das estearias (**Figura 16**). A presença de técnicas decorativas escovadas, raspadas, excisas e unguladas, ainda que numericamente sejam pouco populares em relação às peças simples podem aproximar mais fortemente este sítio dos ceramistas associados às ocupações Tupis, que se avolumam em direção à bacia do Pindaré-Mearim e Grajaú, e, em direção ao norte, na Ilha de São Luís.



Figura 16. Fragmentos com decoração plástica do sítio Mearim 01.

A pintura é monocromática e pouco popular. Encontrou-se apenas o uso da pintura vermelha e engobo vermelho aplicado à superfície dos vasilhames (**Gráfico 5**) e **Figura 17**. Nestas pinturas, ora em faixas, ora cobrindo completamente as superfícies internas e externas, não se pode observar um padrão ou motivo pictórico. Assim, é inviável tentar relacionar tais acabamentos a algum padrão regional.

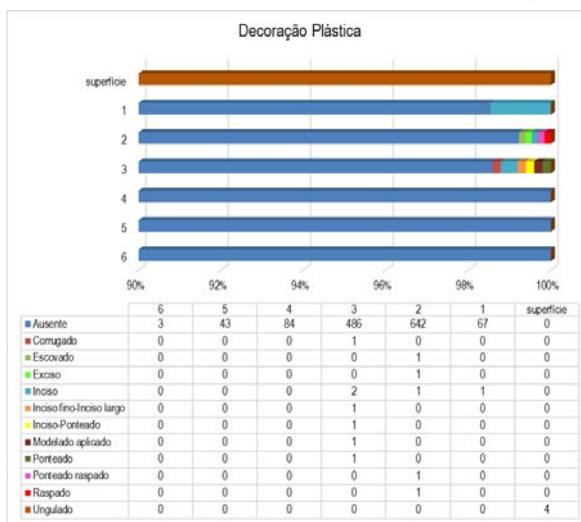


Gráfico 5. Distribuição da decoração plástica entre os diagnósticos da malha sistemática no sítio Mearim 01.

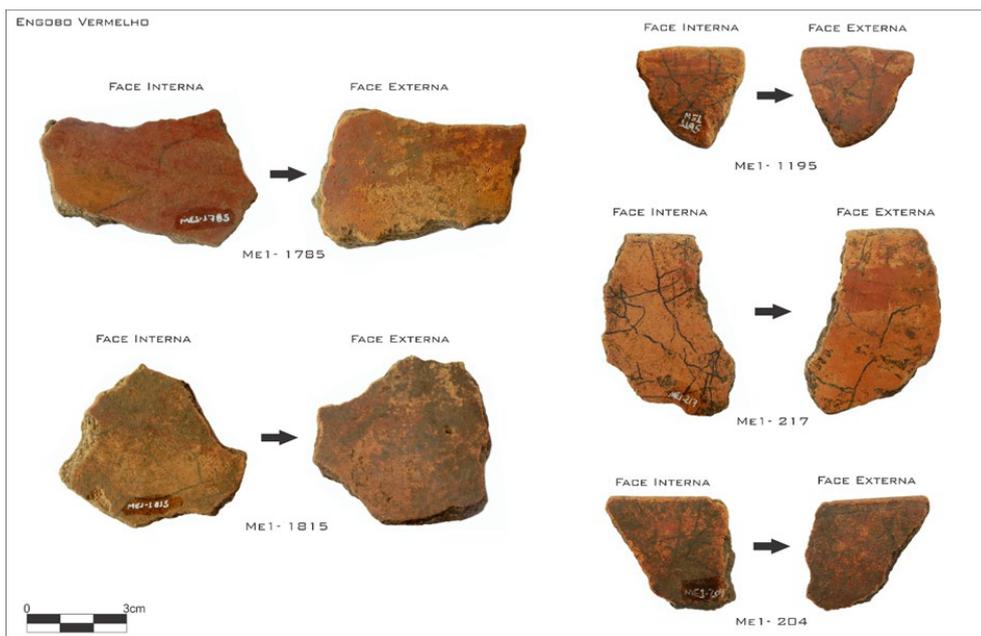


Figura 17. Fragmentos com decoração crômica do sítio Mearim 01.

No que se observam as formas dos vasilhames projetados, o sítio Mearim 01 possui um maior número de contornos associados ao processamento de alimentos e cocção. Predominam contornos esféricos e elipsoidais, acrescidos de lábios apontados, algo que não ocorre no Boca do Campo. Outra dessemelhança está no diâmetro e profundidade destas formas, mais pronunciadas daquelas do sítio anterior (**Figura 18**).

Tipos Formais	Total de peças	Diâmetro	Usos
	3	24-37cm	Processamento de alimentos
	6	14-33cm	Processamento de alimentos/Cocção
	4	14-40cm	Processamento de alimentos
	1	12-39cm	Processamento de alimentos
	3	12-31cm	Processamento de alimentos
	3	12-32cm	Cocção/Processamento de alimentos
	6	22-32cm	Cocção

Figura 18. Tipos morfológicos de vasilhames projetados a partir de bordas da coleção do sítio Mearim 01.

AS ESTEARIAS E OS POVOS DOS LAGOS: UMA COMPARAÇÃO E DISCUSSÃO

Vale tecer algumas comparações entre os sítios apresentados com as estearias no sentido de entendermos o processo de ocupação na região da Baixada Maranhense (NAVARRO, 2018a, 2018b).

A cerâmica das estearias possui boa qualidade e uma tecnologia sofisticada (NAVARRO, 2018a). Há presença de apliques e gargalos, sendo que a maioria dos exemplares tem contorno simples e infletido. Uma parte considerável apresenta carena, borda direta e extrovertida, com os lábios planos e arredondados. A principal tecnologia de fabricação das peças é o núcleo redutor, e a argila foi muito bem queimada. Os principais antiplásticos são o cauixi, os minerais como quartzo e hematita, o caco moído e o caraipé. A principal técnica de manufatura é o acordelado e há marcas de queima na sua confecção. Com relação ao tratamento de superfície, predomina o alisado e também o recorrente uso de engobo, além de brunidura. Uma característica principal do material cerâmico é a policromia. Muitas peças foram pintadas de preto e vermelho sobre fundo branco (NAVARRO, 2018b).

No que diz respeito à decoração plástica, predominam os apliques modelados. Representam ora figuras geométricas, ora animais como anfíbios, peixes, mamíferos e aves. No entanto, a principal forma de aplique é a mamiforme e ela está presente de forma muito recorrente em todos os sítios estudados. Em geral, estas peças não estão pintadas. Vasilhames com asas, alças e em forma de pedestais podem ser encontrados também, estes últimos até mesmo possuem restos de resina no seu interior (NAVARRO, 2018b).

Análises cerâmicas realizadas por Navarro (2016, 2018a) evidenciam vasilhames com as seguintes reconstituições (**Figura 19**):

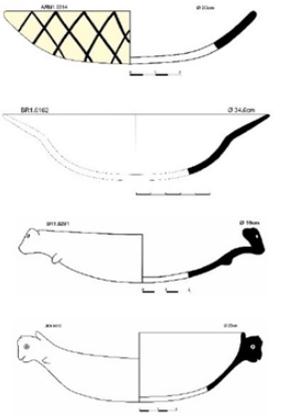
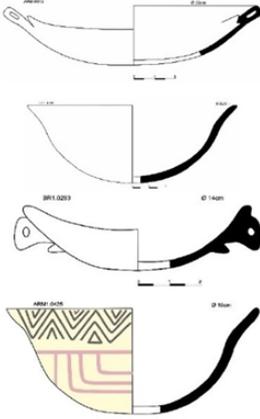
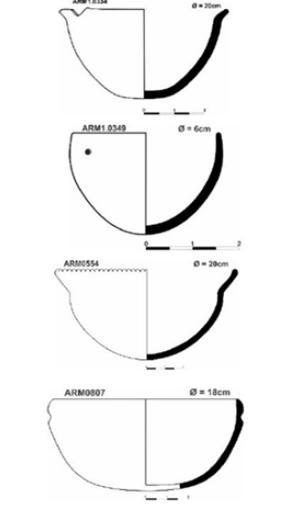
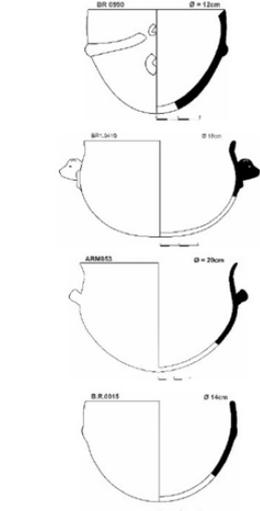
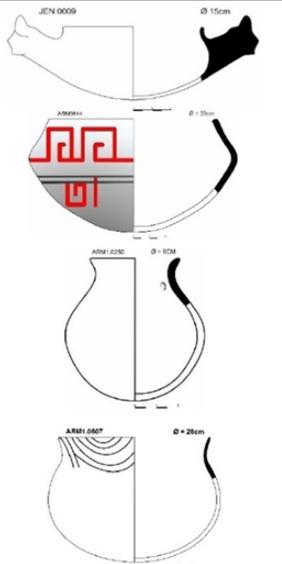
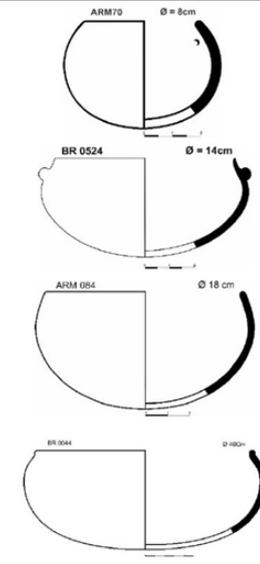
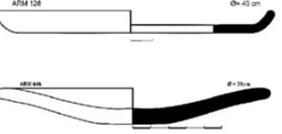
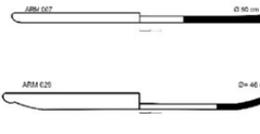
TIPOLOGIA CERÂMICA	FORMA DOS VASILHAMES	
 <p>MEIA CALOTA</p>		
 <p>MEIA ESFERA</p>		
TIPOLOGIA CERÂMICA	VARIAÇÃO DAS FORMAS	
 <p>ESFÉRICA</p>		
 <p>RASA OU PLANA</p>		

Figura 19a, b. Reconstituição das formas de vasilhames das estearias. Cortesia: LARQ-UFMA.

Seguindo a ordem da tipologia apresentada na tabela acima, temos os seguintes conjuntos formais (**Figura 20**):

<p>VASILHAME ESFÉRICO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tecnologia: • Antiplástico: mineral, cauxi e caco moído • Queima: redutora • Técnica de manufatura: roletado • Tratamento de superfície: alisado • Morfologia: • Vasilhames em forma esférica • Bordas diretas, introvertidas e extrovertidas • Contornos simples e formas restritivas • Decoração: • Pintura vermelha e preta sobre a superfície da cerâmica (interna e externa). Linhas verticais e horizontais. Triângulos estilizados. • Uso e descarte: • Marcas fuligem por cocção • Função: • BURKE, C.; ERICSON, J.; RED, D. (1971). Armazenamento de líquidos a longo prazo. Diminuição da boca em relação à base, aumento da porção vertical. 	 <p>Vasilhame tipo esférico. Fotografia: Fábio Matta. Direitos: LARQ/UFMA.</p>
<p>VASILHAMES MEIA CALOTA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tecnologia: • Antiplástico: Mineral, cauxi e caco moído • Queima: núcleo redutor • Técnicas de manufatura: roletado e modelado • Acabamento de superfície: alisado, alguns casos brunidura • Morfologia: • Forma de meia calota • Borda direta, introvertida e extrovertida • Contorno simples e formas restritivas e irrestritivas • Decoração: • Pintura vermelha e preta, algumas com engobo branco e creme • Um exemplar de pintura vermelha sobre engobo branco • Decoração plástica: incisão e aplique • Uso e descarte: • Marcas de fuligem por cocção • Interação estilística: • Um exemplar, tradição inciso-ponteadas (Konduri?) • Um exemplar, tradição policroma da Amazônia? • Um exemplar tradição borda incisa? • Função: • BURKE, C.; ERICSON, J.; RED, D. (1971) Artefatos caracterizados pelo aumento da abertura da boca em relação à base e presença de apêndices. Volume, dimensão e espessura pequenos. Artefatos para servir, ou conteúdos especiais para transporte em pequena escala, usados em rituais, i.e., sementes para o plantio. 	 <p>Vasilhame tipo meia calota. Fotografia: Fábio Matta. Direitos: LARQ/UFMA.</p>
<p>VASILHAME TIPO RASO OU FORMA PLANA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tecnologia: • Antiplástico: Mineral, cauxi e caco moído • Queima: redutora int. e oxidante externa • Acabamento de superfície: alisado • Técnica de produção: acordelamento • Marca de manufatura: negativo • Morfologia: • Bases planas • Borda direta • Contorno simples e formas irrestritivas • Uso e descarte: • Presença de fuligem resultante de cocção • Interação estilística: • Assadores tupis? • Função: BURKE, C.; ERICSON, J.; RED, D. (1971). Assadores de alimento, preparo de alimento. 	 <p>Assador com marcas de nervura de folha. Fotografia Fábio Matta. Direitos LARQ/UFMA.</p>
<p>VASILHAME MEIA ESFERA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tecnologia: • Antiplástico: mineral, caco moído, cauxi • Queima: redutora/oxidante interna, redutora externa • Técnica de manufatura: acordelamento • Acabamento de superfície: alisado • Morfologia: • Vasilhame em forma de meia esfera • Bordas diretas e extrovertidas • Contorno simples e formas restritivas e irrestritivas • Decoração: • Pintura vermelha e preta, algumas sobre engobo branco e creme • Local: lábio, bojo, base (interno e externo) • Motivo: Linhas horizontais, verticais, gregas, volutas, triângulos estilizados • Decoração plástica: apliques • Uso e descarte: • Marcas de fuligem por cocção • Função: BURKE, C.; ERICSON, J.; RED, D. (1971). Armazenamento ou cocção de sólidos a curto prazo. Pequenas dimensões do artefato, espessuras finas, proporcionalidade entre boca e base e/ou verticalidade pouco maior que horizontalidade. 	 <p>Vasilhame tipo meia esfera. Fotografia: Fábio Matta. Direitos: LARQ/UFMA.</p>

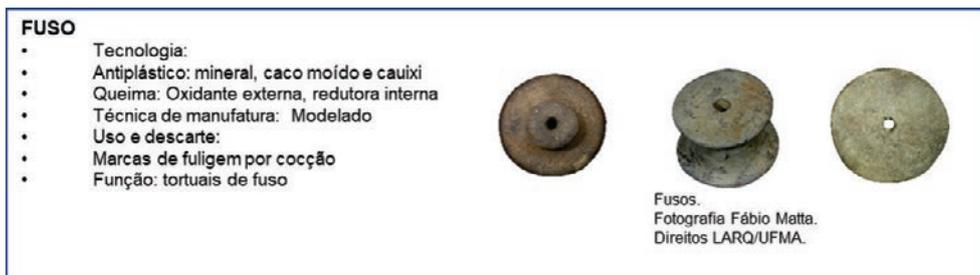


Figura 20a, b, c, d, e, f. Formas dos vasilhames das estearias maranhenses. Cortesia LARQ/UFMA.

Com relação às cronologias, temos as seguintes datações:

Tabela 1. Datações obtidas para os sítios arqueológicos das estearias. Datações por AMS obtidas para o sítio Boca do Campo.

Nome do sítio	Datação convencional	Data calibrada (2 sigma)	Data calendário (2 sigma)	Número BETA ANALYTIC
ESTEARIAS DO RIO TURIAÇU				
Armíndio	930+-30 BP	905-865 BP	1045 -1085 AD	404757 (e)
Boca do Rio	1150+-30 BP	1065-995 BP	885-995 AD	406836 (e)
Caboclo	1120+-30 BP	1055-1015BP	895-935 AD	406835 (e)
Cabeludo	1160+-30 BP 1200+-30 BP 1020+-30 BP 1050+- 30 BP 1130+-30 BP 930+-30 BP 1080+-30 BP	1065-960 BP 1112-968 BP 934-798 BP 963-899 BP 1058-932 BP 844-730 BP 984-905 BP	885-990 AD 838-982 AD 1016-1152 AD 987-1051 AD 892-1018 AD 1106-1220 AD 966-1045 AD	430864 (e2) 458479 (e1) 492361(cc1) 458480 (m8) 515391 © 6 515390 © 4 522023 (e7)
Jenipapo	1210+-30 BP	1175-1130 BP	775-820 AD	406834 (e)
Florante	1190+-30 BP	1094-962 BP	856-988 AD	492357 ©
Lago do Souza	1950+-30 BP 1820+-30 BP 1990+-30 BP	1926-1785 BP 1785-1775 BP 1938-1830 BP	24-165 AD 165-175 AD 12-120 AD	492358 (cc) 430862 © 515392 ©
ESTEARIAS DO RIO PERICUMÃ				
Encantado	1230+-30 BP 1220+-30 BP 5870+-30 BP	1180-1050 BP 1180-1045 BP 6736-6530 BP	770-900 AD 770-905 AD -4787-4581 BC	406837 (e) 492359(e45) 492360(e151)
ESTEARIAS DO PINDARÉ-MEARIM (CAJARI)				
Coqueiro	1720+-30 BP	1700-1655 BP	250-295 AD	430863 (e)
Trizidela	1140+-30 BP	1060-936 BP	890-1014 AD	512412 (e)
Lontra	1150+-30 BP 1180+-30 BP	1065-954 BP 1093-959 BP	885-996 AD 857-991 AD	512411 (e) 512407(cv)
Capivari	1280+-30 BP	1189-1069 BP	761-881 AD	512410 (e)
Formoso	1190+-30 BP 1130+-30 BP	1094-962 BP 1058-932 BP	856-988 AD 892-1018 AD	512409 (e) 512408 (cc)

SÍTIO BOCA DO CAMPO				
6900-700 Nível 1 -10cm	860 +/- 30 BP	980 +/- 30 BP	1180- 1275 AD	438734 (cv)
6950-650 Nível 2- 33cm	930+/- 30 BP	910 +/- 30 BP	1045-1085 AD	438735 (cv)
6950-700- Nível 3 33cm	140 +/- 30 BP	180 +/- 30 BP	1675-1735 AD	438736 (cv)
6950-650 Nível 3- 36cm	980 +/- 30 BP	980 +/- 30 BP	1025-1180 AD	438737 (cv)
6850-800 Nível 4- 40cm	120 +/- 30 BP	120 +/- 30 BP	1685-1730 AD	438738 (cv)
6900-850 Nível 3-55cm	2860 +/- 30 BP	2890 +/- 30 BP	1045-905 BC	438739 (cv)
SÍTIO MEARIM 01				
7950-350 Nível 3 -	3830 +/- 30 BP	3820 +/- 30 BP	2295-2135 BC	438729 (cv)
AR1 SA4 Nível -4 88cm	1850 +/- 30 BP	1870 +/- 30 BP	125-250 AD	438730 (cv)
AR1 SA4 Nível 5- 93cm	1960 +/- 30 BP	1950 +/- 30 BP	25-130 AD	438731 (cv)
AR1 SA1 nível 5- 110cm	6090 +/- 30 BP	6110 +/- 30 BP	5020-4845 BC	438732 (cv)
Q.1-S.A.2 Nível 30 40cm	5070 +/- 30 BP	5080 +/- 30 BP	3945-3710 BC	438733 (cv)

LEGENDA

AD= Anno Domini, igual a Depois de Cristo (DC) ou Depois da Era Comum

BC= Before Christ ou Antes de Cristo (AC) ou Antes da Era Comum

BP= Before Present ou Antes do Presente, sendo o presente o ano de 1950, criação da máquina de carbono 14

© resíduo orgânico de cerâmica

©4= resíduo orgânico de cerâmica grupo 4

©6= resíduo orgânico de cerâmica grupo 6

cc= crosta carbônica de cerâmica

cc1= crosta carbônica grupo 1

cv= carvão

e= esteio

e1= esteio grupo 1

e2= esteio grupo 2

e45= esteio 45

e151= esteio 151

m8= cabo de machado de madeira grupo 8

Datações por AMS obtidas para o sítio Mearim 01.

As datações colocam o sítio Boca do Campo na mesma contemporaneidade da maioria das estearias. As formas cerâmicas são, também parecidas, embora as das estearias possuam apliques em grande escala, quase ausentes naquele sítio. Dos 1873 fragmentos do nível 2 do sítio Boca do Campo, apenas 6 tinham aplique. O mesmo pode-se dizer quanto à pintura, que, apesar de apresentar um universo de quase 60 fragmentos, ainda na camada 2 do sítio, é uma número bem inferior àquele encontrado nas estearias. Além disso, os antiplásticos predominantes desta cerâmica (cariapé, carvão e mineral) não são os mesmos que caracterizam a pasta cerâmica das estearias, marcada principalmente pelo uso de caco moído e cauxi preferentemente. Isso demonstra que a confecção de apliques e pintura nas cerâmicas pela sociedade que habitou este sítio não era uma prática recorrente.

Por estes motivos, pensamos que os apliques utilizados pelo grupo ou grupos que habitou/habitaram o sítio Boca do Campo estavam sendo produzidos por eles mesmos, copiando esta tecnologia dos grupos das estearias, muito provavelmente pelo significado que estes artefatos tiveram. Embora os modelados cerâmicos do sítio Boca do Campo e das estearias serem parecidos, os antiplásticos utilizados neles claramente se contrastam, o que nos faz pensar que estes ob-

jetos não chegaram ao sítio Boca do Campo através de trocas culturais ou comércio, e sim que os estavam imitando, utilizando, deste modo, a argila local, que não era a mesma dos grupos das estearias. Do contrário, modelados com os mesmos antiplásticos seriam encontrados nos vasilhames cerâmicos destes sítios. Estas relações fazem-nos pensar numa característica tecno-tipológica que marcou uma fronteira étnica e territorial entre os diferentes grupos étnicos do mesmo período.

Navarro (2018a, 2018b) vem afirmando que os grupos que ocuparam as estearias eram bastante homogêneos e talvez a ausência de traços estilísticos em grupos num mesmo território, como no caso da grande variabilidade de apliques ou vasilhames policromos possa ser uma escolha política para reafirmar sua identidade.

Os rostos antropomorfos de possíveis fragmentos de estatuetas encontradas no sítio Boca do Campo são muito parecidos aos das estearias, sobretudo os “olhos cafés” ou “botão” ou café (**Figura 21**). Haveria que investigar, com mais profundidade, se estes não poderiam ter sido importados das estearias mais próximas. Por outro lado, as estatuetas são uma característica comum a muitos grupos amazônicos, estando presentes, portanto, em quase todos eles, como ocorrem nas Tradições Borda Incisa, Polícroma, Inciso Ponteadado e até entre os Tupis.



Figura 21. Estatuetas com olhos de botão ou café das estearias, similares às do sítio Boca do Campo. Cortesia: LARQ/UFMA.

Cabe ressaltar, outrossim, que um aspecto político deve ser mencionado quantos a estes sítios e aos demais da Amazônia. De acordo com inúmeras pesquisas realizadas com sítios cerâmicos em diferentes regiões da Amazônia, sabe-se que esse intervalo temporal (o primeiro milênio da era comum), representou uma época marcada pelo avanço e complexificação das indústrias ceramistas, incluindo, o adensamento populacional ao longo das margens dos rios, o que culminou com a maior quantidade de sítios arqueológicos com TPA, que também englobaria os grupos Tupis, datados desta época (MACHADO, 2006; LIMA et al. 2002; MORAES e NEVES, 2012).

Na Amazônia Central, por exemplo, este período é marcado pelo aprofundamento da camada de terra preta arqueológica, um maior volume de cerâmicas produzidas e, por vezes, a criação de sistemas defensivos (MORAES e NEVES, 2012). Grupos portadores de uma cerâmica identificada com a tradição borda incisa ou inciso modelada teriam vivido este período, assentados nos terraços fluviais, situados à margem de tributários do rio Amazonas. Nas proximidades do ano 1.000/1.200, tais grupos teriam vivenciado conflitos, marcados pela presença de uma cerâmica policroma, mais recente que as demais (HECKENBERGER et al., 1998; LIMA e NEVES, 2011). Vale lembrar que nesta porção da Amazônia é igualmente comum a formação de sistemas lacustres e ilhas de terra, resultados dos variados níveis de cheia alcançados pelo sistema hídrico.

Assentamentos igualmente complexos são encontrados, no mesmo intervalo temporal, no arquipélago do Marajó. A conhecida indústria ceramista, pautada num sistema de prestígio e controle de nichos ecológicos, teria fomentado a produção de uma cerâmica profusa e rica em simbolismos (SCHAAN, 2004; 2007). No sudeste do estado do Pará chama a atenção a longa sequência ocupacional identificada por Silveira et. al (2007), na mineração do Salobo, região de Carajás. Novamente, o primeiro milênio é marcado por sítios de terra preta arqueológica e uma cerâmica modelada, com motivos inspirados em batráquios.

É neste período também que se situam os níveis mais superficiais do sítio Boca do Campo, em Arari/MA. Identificaram-se dois momentos ocupacionais com base nas datações obtidas por AMS (Tabela 1). O mais antigo, relacionado ao piso do nível 3, com 55cm de profundidade, que datou do início do primeiro milênio AEC, e o mais recente, do final do primeiro milênio da era comum. Intrusões de carvões mais recentes ocorreram, muito provavelmente, em função da textura muito arenosa do solo, por isso, facilmente percolável.

Provavelmente os grupos que habitaram o sítio Boca do Campo fizeram parte da Tradição Policroma, pela existência, ainda que pequena, de fragmentos com pintura. Por outro lado, durante o ano 1000 as estearias são parte desta Tradição, pois inúmeros fragmentos, quando não peças inteiras, foram encontrados com engobo creme e pinturas preta e vermelha, sobretudo nos sítios Cabeludo e Boca do Rio, localizados no município Santa Helena, mais ao norte do Mearim (NAVARRO, 2018b).

Por outro lado, o sítio arqueológico Mearim 01, situado no topo do mor-

rote, na bacia do rio Mearim, possui datações mais antigas, que remete a um intervalo temporal de pelo menos 1000 anos antes do advento das estearias e dos ceramistas do sítio Boca do Campo (Tabela 1). Ora, os grupos ceramistas deste sítio caracterizam-se, em termos de atributos decorativos, às decorações plásticas raspadas, unguladas e incisas muito comuns às cerâmicas Tupis. No entanto, nota-se certa dificuldade de confecção nesta cerâmica, cuja pasta, extremamente porosa e composta por areias mal selecionadas, reflete uma estrutura fraca, que possivelmente concorreu para um conjunto cerâmico muito fragmentado e pouco resistente. Ainda assim, tal fragmentação pode ser em virtude, também, da grande antiguidade destas cerâmicas, que revelam que estas influências Tupis são muito mais antigas na região que as próprias estearias, principalmente ao longo da bacia do Rio Mearim.

Estas diferenças têm origem em diferenças cronológicas e de adaptação ecológica. Tanto as estearias como o sítio Boca do Campo estão em uma área lacustre, são contemporâneos, possuam formas de vasilhames similares mas com diferenças quanto à decoração plástica decorada e modelada, esta ausente no Boca do Campo. Pensamos, assim, na existência de uma fronteira cultural entre estes grupos, entendida como uma esfera de separação de algumas ideias entre sociedades ou culturas diferentes (ERICKSON, 1997). No entanto, uma fronteira cultural não deve ser entendida somente como uma linha de demarcação territorial que divide diferentes grupos humanos, e sim como um complexo mecanismo social em que um grupo hegemônico controla e reivindica para si o uso de algumas simbologias que carregam algum tipo de poder ou prestígio e, portanto, exercem atração sobre quem os usa/possui. Como bem lembrou Erickson (1997: 42), “uma fronteira é um constructo social que é político em sua origem”. Deste modo, nem sempre uma fronteira cultural atua como uma barreira total entre os diferentes grupos étnicos, pois, embora alguns elementos simbólicos podem ser controlados, eles também podem ser imitados, pois seu simbolismo transcende as fronteiras étnicas. É o caso, por exemplo, dos muiraquitãs de cerâmica marajoara copiados daqueles da região de Santarém, já que dada a impossibilidade de adquiri-los diretamente de sua fonte, talvez por questões de controle de ideologia ou bélicas, acabaram sendo imitados por representar uma ideia ou uma simbologia importante para estes diferentes grupos étnicos (ROOSEVELT, 1991). Pensamos, deste modo, que os apliques do sítio Boca do Campo foram imitações das estearias, o grupo hegemônico da região, embora, no atual estágio das pesquisas não se possa inferir se eram grupos rivais ou não.

Já o sítio Mearim 01 é mais antigo (1000 a 1500 AEC), não está associado à zona lacustre, porém situadas em áreas mais altas do Mearim com características tecnológicas Tupis, ausentes nos sítios de estearias, mas que vêm sendo encontrados na região, como em Alto Alegre no Maranhão (Corrêa, 2014) que, embora não tão antigos, atestam a presença Tupi no Estado. Percebe-se, também, que após a ocupação do sítio Mearim 01 houve uma mudança da adaptação das sociedades, preferindo a ocupação lacustre e os promontórios arenoso (morrotes),

cuja presença de terra preta de índio atesta o grande impacto destas ocupações na paisagem.

Um maior panorama de pesquisas ao longo dessa região seria necessário para tentar situar esta ocupação num plano mais geral, onde se percebesse a distribuição desses aldeamentos como grupos dotados de estratégias adaptativas em resposta à paisagem. Todavia, já é possível esboçar que, próximo ao ano 1000 houve o fortalecimento e a expansão dos aldeamentos do tipo estearia, enquanto também, nas regiões dos campos inundáveis, que é o caso do Boca do Campo, ocorriam ocupações nos outeiros arenoso, inclusive, com cerâmicas de motivos relativamente próximos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentou-se neste trabalho um exemplo da complexidade das ocupações indígenas pré-coloniais da Baixada Maranhense, afirmação esta atestada pela diversidade de sítios arqueológicos encontrados nas diferentes regiões ambientais que compõem o mosaico paisagístico da região. Ainda não se pode estabelecer a correlação entre a morfologia destas ocupações, a indústria ceramista e possíveis padrões etnolinguísticos dado o pequeno número de pesquisas na região.

O sítio Mearim 01 apresenta as datas mais antigas até agora obtidas para a região. O nível arqueológico mais antigo está situado entre 1000 e 1500 AEC e caracteriza-se por ser um franco arenoso, de areia mal selecionada e vestígios líticos lascados. O conjunto cerâmico mostrou-se ser composto majoritariamente por vasilhames de contornos simples, com formas elipsoidais a cônicas. A identificação de traços técnicos decorativos bem marcados permitiu relacioná-lo aos povos Tupis. chama a atenção à recuada sequência cronológica de ocupação deste sítio, embora outros antigos assentamentos Tupis vem sendo encontrados no interior do Maranhão.

Essa antiguidade ocupacional chama a atenção, também, por estar numa região não caracterizada pelos campos alagados e sim pela formação de morrotes arenosos, em cujo topo comumente se encontram solos lateríticos. Teria, portanto, a ocupação da área dos campos alagados começado por suas porções mais altas ou seria esta uma característica cultural deste grupos? Quando e por que exatamente os grupos humanos começaram a manejar com maior intensidade e tecnologia os recursos naturais das zonas alagadas? Teriam as populações palafíticas sido remanescentes de grupos que outrora habitavam a terra firme ou a habitação em palafitas foi um traço primordial do grupo ou grupos humanos que as ocuparam?

Há de se supor, também, que as ocupações humanas estabelecidas entre estas datas situadas no Holoceno médio tenham sofrido influências das variações ambientais que remodelaram o espaço de transição entre a linha da costa e o oceano, ora tornando-o mais alagado e salino, ora tornando-o mais seco, inten-

sificando, deste modo, a formação de complexos lacustres e meandros abandonados.

Flexor et al. (1979) e Correa et al. (1995) apontam que a última transgressão marinha, que resultou no aumento do mar em 5 metros na costa brasileira situa-se em 5000 AP. Os impactos no Golfão Maranhense se refletiram em sucessivos processos de deposição sedimentar, aprofundamento de canais e, por consequência, a formação de zonas lacustres, o que impactou o processo de adaptação dos grupos humanos que habitavam esta paisagem tão dinâmica (COSTA et al., 2019).

O sítio arqueológico Boca do Campo, situado no promontório dos campos alagados, possui como data mais recuada o ano de 800. As datações com carvões associados à TPA, situam esse estrato entre 800 e 1000. Fica claro, portanto, um hiato temporal entre os períodos de ocupação dos sítios Mearim 01 e Boca do Campo, ou seja, estes assentamentos não são contemporâneos. A existência de terra preta no estrato do sítio Boca do campo, contemporâneo às estearias, corrobora o argumento de Moraes e Neves (2012) que a TPA foi caracterizada por um maior adensamento populacional dos assentamentos indígenas.

Este artigo chamou a atenção para as possíveis relações entre as estearias e o sítio Boca do Campo. Eles compartilham a escolha da paisagem lacustre para a construção dos assentamentos e uma cerâmica modelada e pintada. Por outro lado, o fato da escolha dos antiplásticos serem diferentes entre eles (no sítio Boca do Campo predominam o mineral, carvão e caraipé), nas estearias o predomínio é de cauxi e caco moído, sugere uma fronteira cultural em que o grupo hegemônico (as estearias) exerceu certo controle da circulação dos seus artefatos sobre os grupos vizinhos. Pelo fato de os antiplásticos das cerâmicas serem completamente diferentes entre estes grupos, pensamos na impossibilidade de trocas culturais interétnicas como o comércio, com o grupo que ocupou o sítio Boca do Campo. Tal asseveração parece se comprovar à medida que não encontramos, do mesmo modo, apliques com os antiplásticos característicos do sítio Boca do Campo nas estearias. Assim como marajoaras imitaram muiiraquitãs de pedra verde de origem Santarena confeccionando-os com cerâmica, parece ser plausível que o mesmo tenha ocorrido com os apliques do sítio Boca do Campo que foram copiados das estearias.

Deste modo, devido a grande quantidade de modelados e pintura encontrados nos exemplares provenientes dos sítios palafíticos em detrimento dos encontrados no Boca do Campo, além da ampla dispersão das estearias na paisagem durante o século 1000 d.C., poderíamos supor que a população que habitou o Boca do Campo pudesse estar imitando as cerâmicas modeladas e pintadas das estearias. Embora discussões étnicas sejam arriscadas e incipientes no que tange o contexto dos grupos aqui estudados, não há referência de grupos Tupis ou da TPA terem habitado palafitas (NAVARRO, 2018a; 2018b). Neste sentido, isto reforça o argumento de Navarro (2017, 2018a, 2018b) ao considerar os grupos das estearias como chefias organizadas que controlaram de maneira efetiva seu território

frente a outros grupos humanos, inimigos ou não. Por outro lado, é necessário investigar, também, a razão pela qual os povos palafíticos constituíram uma sociedade tão homogênea cuja variabilidade artefactual é pequena entre todos os sítios dispersos numa área de mais de 20.000 Km².

Por fim, cabe mencionar que a pesquisa arqueológica na Baixada Maranhense deve ser intensificada uma vez que pode elucidar importantes relações sociais, políticas e simbólicas entre grupos distribuídos entre campos, lagos e morrotes no estuário do Maranhão, uma área ainda pouco conhecida das terras baixas da Amazônia oriental.

AGRADECIMENTOS

À Scientia. À Habilis Consultoria. À Vale (Projeto de Ferro Carajás). À Fundação de Amparo à Pesquisa ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Ao CNPq – Bolsa de Produtividade em Pesquisa. À Kaic Bueno Batista pela organização das figuras. Os autores agradecem, por fim, à leitura atenta dos pareceristas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SÁBER, A. N. **Brasil: paisagens de exceção: o litoral e o pantanal matogrossense: patrimônios básicos**. São Paulo: Ateliê editorial, 2006.
- ALMEIDA, Fernando Ozorio. Cerâmica antiga na periferia leste amazônica: o sítio Remanso/MA. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 72-96, 2013.
- BANDEIRA, Arkley M. **Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica**. 2013. 1162 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – MAE, USP, São Paulo, SP, 2013.
- BURKE, C.; ERICSON, J.; READ, D. Research Design: the Relationships Between the Primary Functions and the Physical Properties of Ceramic Vessels and Their Implications for Ceramic Distributions on an Archaeological Site. **Anthropology UCLA** 3: 84-95, 1971.
- CORRÊA, Ângelo A. **Pindorama Mboia e Iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi**. 2014. 462 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CORRÊA, Conceição G.; MACHADO, Ana Lúcia; LOPES, Daniel F. As estearias do lago Cajari-MA. **SIMPÓSIO DE PRÉ-HITÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO**. Recife. Anais. Recife: UFPE, 1991. P. 101-103 (Clio Série Arqueológica n. 4), 1991.
- CORRÊA, I. C. S.; MARTINS, L. R.; KETZER, J. M.; ELIAS, A. R. D. A plataforma continental sul e sudeste brasileira durante o Holoceno. **Anais do Congresso Latinoamericano de Ciências del Mar**, VII, Mar del Plata-Argentina, vol. 1, p. 56, 1995.
- COSTA, A. L. B. et al. Reconstituição paleogeográfica no Quaternário no estuário do rio Santo Antonio, ilha do Maranhão-Brasil. **Geosciences=Geociências**, vol. 38, n. 1, p. 117-130, 2019.
- COSTA, Angislaine Freitas et al. O universo cotidiano e simbólico da cerâmica das estearias. **Revista de Arqueologia**, v. 29, n. 1, p. 161-187, 2016.
- DANIEL, João. **Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas**. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Minion, [1772-1776], 2004.
- DENEVAN, William M. A bluff model of riverine settlement in prehistoric Amazonia. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 86, n. 4, p. 654-681, 1996.
- ERICKSON, F. Culture in society and in educational practice. J. A. Banks and C. A. M. Banks (Eds.), **Multicultural education: Issues and perspectives**, p. 32-60. Boston, MA: Allyn and Bacon, 1997.
- FLEXOR, J. M.; SUGUIO, K; BITENCOURT, A. C. S.; VILAS-BOAS, G. S. Le Quaternaire Marin Brésilien (Littoral Pauliste, Sud Fluminense et bahiaonais). **Cahier Orstom Série Géologie**, Paris, v. 11. N. 1. p. 95-124; 1979.
- FRANCO, José Raimundo Campelo. Segredos do rio Maracu. **A hidrogeografia dos lagos de reentrâncias da Baixada Maranhense, sítio Ramsar, Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2012.
- HECKENBERGER, Michael; NEVES, Eduardo G.; PETERSEN, James B. De onde surgem os modelos? As origens e a expansão Tupi na Amazônia Central. **Revista de Antropologia**, vol. 1, n. 1, p. 69-96. **São Paulo, 1998**.

KERN, Dirse Clara. **Caracterização pedológica de solos com terra preta arqueológica na região de Oriximiná-Pará**. 1988. 242 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - PGA, UFRS, Porto Alegre, RS, 1988.

KERN, Dirse Clara **Geoquímica e pedogeoquímica em sítios arqueológicos com terra preta na floresta nacional de Caxiuana (Portel-PA)**. 1996. 135 f. Tese (Doutorado em Geoquímica) – PPGI, UFPA, Belém, PA, 1996.

LEITE FILHO, Deusdedit. Arqueologia dos ambientes lacustres: cultura material, dinâmica sociocultural e sistema construtivo nas estearias da Baixada Maranhense. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico**. Belo Horizonte, v. 25, n. 1, pp. 54-99, 2016.

LIMA, Olavo Correia; AROSO, Olir Correia Lima. **Pré-história maranhense**. São Luís: Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1989.

LIMA, Helena N. et al. Pedogenesis and Pre-Columbian land use of “Terra Preta Anthrosols” (“Indian Black Earth”) of Western Amazonia. **Geoderma**, v. 110, n. 1-2, p. 1-17, 2002.

LIMA, Helena P.; NEVES, Eduardo G. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancoide na Amazônia Central. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 205-230, São Paulo, 2011.

LIMA, Helena P.; MORAES, B. M. Produção de conhecimento e preservação em debate: aspectos da arqueologia na cidade de Manaus. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira), v. 23, p. 89-106, 2010.

LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. **Boletim do Museu Nacional** 1 (2), p. 87-109, Rio de Janeiro, 1924.

MACHADO, Juliana S. Dos artefatos às aldeias: os vestígios arqueológicos no entendimento das formas de organização social da Amazônia. **Revista de Antropologia**, v. 49, n. 2, p. 755-786, 2006.

MORAES, Claide de P.; NEVES, Eduardo G. O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. **Amazônica: Revista de Antropologia**, v. 4, p. 122-148, 2012.

NAVARRO, Alexandre G. O complexo cerâmico das estearias, Maranhão. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (orgs.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 158-169, 2016.

NAVARRO, A. G.; COSTA, M. L.; SILVA, A. S. N. F.; ANGÉLICA, R. S.; RODRIGUES, S. S. & GOUVEIA NETO, J. C. 2017. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 12(3): 869-894, 2017.

NAVARRO, A. G.; COSTA, M. L.; SILVA, A. S. N. F.; ANGÉLICA, R. S.; RODRIGUES, S. S. & GOUVEIA NETO, J. C. 2017. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 12(3): 869-894, 2017.

NAVARRO, Alexandre G. New evidence for late first-millennium AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. **Antiquity** v. 92, n. 366, p.1586-603, 2018a.

NAVARRO, Alexandre G. Morando no meio de rios e lagos: mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. **Revista de Arqueologia**, vol. 31, n. 1, pp.73-103, 2018b.

ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan. **Pottery in archaeology**. Cambridge Manuals in Archaeology: Cambridge, 1993.

PANACHUK, Lilian. A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**, v. 25, n. 1-2, p. 125-171, 2016.

PORRO, A. **As crônicas do rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

REBELLATO, Lilian; WOODS, William I.; NEVES, Eduardo G. Pre-Columbian settlement dynamics in the Central Amazon. **Amazonian dark earths**. Wim Sombroek's vision Springer: Dordrecht, p. 15-31, 2009.

ROOSEVELT, A. C. **Mound-builders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil**. Studies in Archaeology. San Diego: Academic Press. Monograph, 1991.

ROOSEVELT, Anna C. Twelve thousand years of human-environment interaction in the Amazon floodplain. **Advances in Economic Botany**, v. 13, p. 371-392, 1999.

RYE, Owen S. **Pottery technology: principles and reconstruction**. Washington, DC: Taraxacum, 1981.

SCHAAN, Denise P.; SILVA, W. F. V. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó. **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 17, p. 13-32, 2004.

SCHAAN, Denise P. Os filhos da serpente: rito, mito e subsistência nos cacicados da ilha de Marajó. **International Journal of South American Archaeology**, v. 1, p. 50-56, 2007.

SCHAAN, Denise P.; SILVA, W. F. V. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó. **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 17, p. 13-32, 2004.

SHEPARD, A. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington, D.C., Carnegie Institution of Washington (Publication n. 609), 1956.

SCIENTIA. **Pesquisa arqueológica e Educação patrimonial ao longo da Estrada de Ferro Carajás MA/PA**. Processo Iphan n. 01450.008647/2009-91. Portaria Iphan n. 03/2009, Scientia Consultoria Científica Ltda. Relatório Parcial 2, 2010.

SCIENTIA. **Pesquisa arqueológica e Educação patrimonial ao longo da Estrada de Ferro Carajás MA/PA**. Processo Iphan n. 01450.008647/2009-91. Portaria Iphan n. 03/2009, Scientia Consultoria Científica Ltda. Relatório Parcial 4, 2010.

SILVEIRA, Maura I. da; KERN, Dirse C.; OLIVEIRA, Elisângela Regina de; FRAZÃO, Franciso J. L. Seriam as terras pretas arqueológicas grandes áreas contínuas? O caso dos sítios Bitoca 1 e Bitoca 2 na região de Carajás-PA. **Anais do Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário**, 11, Belém, ABEQUA, 2007.

SIMÕES, M. F. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). **Acta Amazonica**, Manaus, v.11, n. 1, Suplemento, 1981.

SIMÕES, M.; ARAUJO-COSTA, F. Áreas da Amazônia legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. **Publicações Avulsas do Museu Goeldi**, Belém, 1978.